

**SIMPÓSIO MERCADOS DE PROTEÇÃO E GOVERNANÇA DA
SEGURANÇA**

Universidade Estadual de Londrina

De 12 a 14 de Junho

GT1: Governança Multicêntrica da Segurança

**Empresas Privadas de (In)segurança no México: Policiamento,
Controle e Gestão dos espaços urbanos**

Leandro Fernandes Sampaio Santos

Empresas Privadas de (In)segurança no México: Policiamento, Controle e Gestão dos espaços urbanos¹

Leandro Fernandes Sampaio Santos²

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar resultados parciais de uma investigação mais ampla sobre a crescente participação das empresas de (in)segurança privada na segurança pública no México, cujo número de empresas do setor cresceu exponencialmente no governo de Piña Nieto (2012-2018) como consequência do aumento da violência ensejada pela “guerra às drogas”. Com o crescimento do mercado mexicano de segurança, ocorreu uma entrada massiva de atores transnacionais que atuam direta e indiretamente na segurança pública ao mesmo passo que estratégias militarizadas eram implementadas pelo Estado para combater o crime. Essa atuação massiva das empresas privadas redefiniu e expandiu as práticas de policiamento, controle e gestão dos espaços urbanos engendrando novas lógicas de governo das cidades que entrecruzam modos policiais e militares gerir os conflitos sociais. Pretende-se assim mostrar como os atores privados estão participando ativamente em questões-chave da governamentalidade da segurança e também sendo incorporados no policiamento e gestão da ordem. Público e privado confluem na produção da (in)segurança, ou seja, não é uma simples substituição de um pelo outro, mas ao contrário, eles se articulam produzindo uma reconfiguração das relações de poder em diferentes escalas – do local ao global –, pois ambos integram um complexo de dispositivos securitários que é cada vez mais ativado para governar e gerir territórios, fluxos e populações urbanas. O fenômeno da expansão da privatização do emprego da violência e da proteção afeta relações sociais, políticas e econômicas colocando novas problemáticas para pensar desde o controle social à própria organização das sociedades. Portanto, as dicotomias liberais de polícia e militar, interno e externo, exceção e normalidade, privado e público não conseguem apreender como inúmeros atores privados – sobretudo os transnacionais –, sociais e estatais se entrecruzam por meio de práticas de (in)segurança conectando segurança pública e internacional, lógicas globais e dinâmicas locais.

Palavras-Chave: Empresas Privadas de (In)Segurança; Gestão de Espaços Urbanos; Policiamento, Controle; México.

¹ Este texto é uma versão inicial (draft) de uma pesquisa doutoral que está em fase inicial, todas críticas e sugestões serão bem vindas para a produção de uma versão para futura publicação.

² PPGRI San Tiago Dantas (Unesp, Unicamp, PUC-SP); Mestre; leandrofernandes.std@gmail.com

Introdução

A segurança privada é um fenômeno global. Na década de 1990, todas as operações de paz multilaterais conduzidas pela ONU foram realizadas com a presença de empresas privadas militares ou de segurança (DUFFIELD, 2001). A contratação de serviços de segurança privada se espalhou do norte ao sul do globo. O crescimento do mercado da (in)segurança, neste contexto, ensejou um ambiente propício para a emergência de redes que entremeiam atores públicos e privados locais e transnacionais, os quais ganham cada vez mais relevância na governança global da segurança. Contudo, longe de significar uma redução e/ou enfraquecimento do monopólio da violência por parte dos Estados, a privatização do setor de segurança se insere dentro de um processo histórico de transfiguração e rearticulação do aparato estatal e seus agentes.

Ao observarmos a relação entre segurança privada e “guerra às drogas”, especialmente o caso mexicano, podemos notar o engendramento de uma urdidura entre Estado, empresas privadas de segurança nacionais e transnacionais, poder político e poder econômico, autoridades e capital global produzindo novas práticas, instituições e formas de governo de segurança geram disputas e cooperação entre diferentes atores, cuja dinâmica transita para além das fronteiras nacionais.

Diante desse cenário, a proposta deste trabalho – que é parte exploratória de um estudos em andamento – tem por objetivo focar o mercado da (in)segurança no México, particularmente o caso de Ciudad Juárez, e sua conexão com o combate ao crime no contexto “guerra às drogas” e as dinâmicas globais de privatização da segurança, sobretudo o envolvimento de atores transnacionais e o surgimento de um mercado ilegal de segurança. Partimos da hipótese de que o impulsionamento da participação das empresas privadas de segurança não significa uma “diminuição” do monopólio da violência do Estado, mas sua ampliação, bem como a capilarização do policiamento e a emergência de uma constelação de atores, práticas e interesses na governamentalidade da segurança. A atuação de muitas destas empresas que está ligada a esta constelação não se restringindo

à segurança patrimonial ou à vigilância, mas também atuam na gestão de riscos e dos espaços urbanos, bem como no combate e prevenção ao crime.

O texto está distribuído em duas sessões. A primeira sessão, mais conceitual e teórica, procura trazer algumas abordagens para discutir policiamento e governança da (in)segurança – enfocando o controle e a gestão dos espaços urbanos – a partir da sociologia das conexões das assemblages, o que permitirá conectar lógicas e dinâmicas que atravessam as escalas que vão das locais para as globais articulando os diferentes atores - estatais e não estatais – e suas práticas securitárias, as quais reconfiguram as relações entre Estado e mercado. A segunda sessão, de caráter mais empírico, enfoca o caso mexicano, mais especificamente a Ciudad de Juárez, para evidenciar a formação de assemblages de segurança, onde atores estatais – a membros do governo, militares e policiais – se concatenam com atores não estatais – empresas de segurança privada, empresários, comerciantes e sociedade civil – para policiar, controlar e gerir o espaço urbano.

Policiamento e Governança da Segurança Para Além do Estado

De acordo com Rigakos (2002), o conceito de “polícia” tem sido historicamente ligado à ideia de Pólis (cidade-Estado) grega e posteriormente, séculos depois, passou a ser ligado às noções de segurança e proteção. As instituições policiais tradicionais, mais recentemente, cedeu lugar às práticas de policiamento incorporando uma multiplicidade de técnicas de controle social públicas e privadas de governança. Dessarte, ao passo que o setor de segurança privada alarga seu tamanho em relação à polícia pública, ocorre simultaneamente uma mudança do papel do Estado no policiamento.

Rigakos (2002) e Neocleous (2014) tecem uma crítica às abordagens dicotômicas sobre policiamento que o divide em público (prevenção ao crime) versus privado (prevenção de perdas e riscos à propriedade) e o reduz a uma “função genérica” de monopólio do Estado. Dessa forma, para este tipo de abordagem, se a segurança não é promovida pelo Estado logo ela está sendo transferida para as corporações, ou seja, a segurança é função primordial do Estado e se ele não a está provendo é porque ele saiu de cena ou está enfraquecido no que tange ao emprego da força. Conforme tais concepções, os

espaços públicos e privados estão sendo controlados e policiados por interesses privados corporativos tomando o lugar do Estado. Rigakos enfatiza que este binarismo não consegue explicar as múltiplas expressões da segurança privada:

(...) esses mesmos teóricos estão começando a perceber que muitas empresas de segurança privada se envolvem em atividades de controle do crime, seja em prisões, seja em tribunais ou em locais públicos; na mesma linha, muitas agências policiais públicas estão ativamente buscando lógicas "preventivas" e empregando a terminologia de negócios para legitimar suas atividades e orçamentos (RIGAKOS, 2002, p. 16, tradução nossa).

Embora haja um controle e gerenciamento cada vez maior dos serviços de policiamento por parte de grandes corporações nacionais e transnacionais, isso não significa a retirada completa do Estado, pelo contrário, o Estado permanece como ator-chave – mesmo com o crescimento do mercado da segurança nas últimas décadas – nas articulações do global com o nacional, o transnacional e o subnacional. Porém, como salienta Sassen (2010), as entidades subnacionais e transnacionais podem escapar das hierarquias organizadas em torno do Estado e formar “redes de lugares” que produzem reescalamentos simultâneos aos escalonamentos de antigas hierarquias escalares multiplicando práticas e atores os quais desmontam e remontam o Estado. Saskia Sassen vai chamar esta formação mútua de redes de lugares e articulações de atores estatais e não-estatais de *assemblage*, as *assemblages* cortam a dicotomia “nacional x global” e quebram as hierarquias escalares estadocêntricas, pois “tornar visível a desmontagem de domínios institucionais e entendimentos coletivos existentes” (SASSEN, 2014, pp.18-19).

Na esteira dos estudos de Sassen, Abrahamsen e Williams (2009) cunharam o conceito de “*assemblages* globais de segurança” para compreender as transformações e o crescimento da segurança privada dentro de uma nova configuração na governança global cada vez mais multicêntrica. Segundo os autores, as “*assemblages* globais de segurança” estão ligadas diretamente com o crescimento da segurança privada e das relações entre poder público e privado, evidenciando transformações na governança

contemporânea de segurança global. Portanto, “cenários em que diversos agentes e normatividades de segurança globais e locais, públicos e privados, interagem, cooperam e competem para produzir novas instituições, práticas e formas de governança de segurança” (ABRAHAMSEN; WILLIAMS, 2009, p. 03, tradução nossa).

O capitalismo e o Estado se constituíram simbioticamente no processo histórico da modernidade, cuja relação entre ambos sempre estiveram entrelaçadas por interesses mútuos dos atores estatais e capitalistas, mesmo que alguns momentos e contextos se desarticulam em curto prazo que levaram a rupturas circunstanciais com implicações locais e/ou regionais. Ao observar este processo global de expansão do mercado da força, pode-se inferir que o laço entre Estado e capitalismo é irreversível, o neoliberalismo está demasiadamente ancorado numa racionalidade securitária na qual depende da disseminação de aparatos repressivos – seja estatal ou privado, ou como diria Garland, a formação de “parcerias preventivas” (2008) – para funcionar.

Conforme salienta Garland (2008), no contexto dos anos 1990 as políticas criminais passarão a ter uma perspectiva de maior rigorosidade no tratamento do crime, o que o autor chamará de “criminologia do outro”, ou seja, o criminoso passar a carregar o status de inimigo social. Todavia, a “criminologia do outro” vai se somar com o que Garland vai chamar de “criminologia da vida cotidiana”, esta criminologia do cotidiano se ancorada nas práticas rotineiras as quais todos agentes sociais exercem formas diárias de combate ao crime, em todos passam a ser agentes da segurança. São nestas rotinizações que o mercado da segurança ganha vulto e prospera ao mesmo passo que a gestão de riscos se alarga para as diferentes dimensões da vida, sobretudo concentrando sua atenção e ações sobre determinadas categorias de grupos sociais e populacionais, alvo não é mais o indivíduos e sim coletividades.

Dentro deste quadro, segundo Rigakos (2002), as empresas de segurança privadas estão assumindo funções rotineiras de serviços policiais de controle do crime, funcionam como uma espécie de “polícia privada”, ou seja, exercem práticas e realizam atividades cotidianas como se fossem uma espécie de parapolícias que atuam como tentáculos do Estado em termos de fabricação social da ordem, uma vez que acabam agindo diretamente sobre a

gestão e controle dos espaços urbanos. As dicotomias, frisa o autor, que dividem o policiamento entre público e privado, prevenção do crime e prevenção de risco, Estado versus corporações perdem de vista a variedade de entrecruzamentos de arranjos de policiamento nas dinâmicas contemporâneas de (in)segurança. Dentro desse jogo de escalas de espaços mutáveis – global, nacional, local e transnacional – das assemblages de segurança, disputas, práticas e relações de poder e de interesses concorrentes resultam em configurações (e rotinas) que podem ou não fortalecer ou enfraquecer a cooperação entre os atores, bem como acentuar ou não a militarização engendrando dinâmicas específicas dentro da lógica da (in)segurança.

Como veremos no caso de Ciudad Juárez, comerciantes locais, empresários de multinacionais, empresas de segurança privada e sociedade civil são agentes fundamentais para garantir e governar a segurança e a ordem local, pois exercem práticas policiais as quais contribuíram para uma nova configuração securitária responsável pela queda dos índices de homicídios e criminalidade após o ano de 2010. Ao mesmo passo que ocorreu a militarização no combate ao tráfico de drogas e ao crime organizado, o poder de polícia, isto é, um conjunto de agências, práticas e serviços estatais e não-estatais que ocupam da ordem, da conduta dos indivíduos, da circulação e do controle social de uma sociedade (NEOCLEOUS, 2014), ganhou força e se expandiu no México com o aumento do número de empresas de segurança privada.

A Empresas de Segurança Privada no Contexto Mexicano: Um Breve Estudo Sobre Ciudad Juárez

Ciudad Juárez está localizada no Estado de Chihuahua, norte do México, e faz fronteira com cidade de El Paso, no Estado do Texas, nos EUA. A cidade tem a sétima maior região metropolitana do país e caracteriza-se por apresentar uma economia dinâmica por conta de sua localização estratégica e sua zona industrial de maquiladoras que foi construída para atender às demandas do mercado global. A relevância de Juárez tanto para economia mexicana quanto para economia ilícita do tráfico de drogas está relacionada aos efeitos de políticas nacionais, regionais e globais que impactaram

sobremaneira conformando a estrutura urbana, logística e organização espacial da cidade.

Segundo os informes do Consejo Ciudadano para la Seguridad Pública y Justicia Penal (CCSPJP), no período de 2008 à 2010³, no auge da “guerra às drogas” durante o governo Felipe Calderón (2006-2012), Juárez ocupou por 3 anos consecutivos o primeiro lugar do ranking das urbes mais violentas do mundo. No período de 2011 à 2015 os índices de homicídios dolosos diminuíram drasticamente e Juárez chegou a sair do ranking das 50 urbes mais violentas do mundo. Contudo, no ano de 2017, a cidade atingiu a taxa de 56.16 homicídios por 100 mil habitantes chegando à 20º colocação das cidades mais violentas⁴.

Ao longo do ano de 2008, o governo de Calderón mobilizou para cidade fronteiriça agentes de diferentes dispositivos repressivos estatais – militares e policiais federais, estatais e municipais – com a finalidade de combater as organizações criminosas rivais que atuavam na região, principalmente o Cartel de Juárez e o Cartel de Sinaloa. Segundo Quiroga (2011), 28 de março de 2007 foi o ponto chave para militarização de Juárez, pois foi o momento em que a cidade passou a ficar sob patrulha e cerco militar levando a escalada de homicídios. Também no mesmo ano foi assinado e implementado a Iniciativa Mérida, um acordo de cooperação bilateral EUA-México que combina planos e ações estratégico-militares com segurança pública e enrijecimento do aparato jurídico-penal⁵.

Como forma de resposta ao compromisso firmado com os EUA e também para demonstrar à população a força do Estado perante o avanço da criminalidade, em março de 2008, foi lançado o “Operativo Conjunto Chihuahua” pelo governo federal com apoio dos governos estadual e municipal mobilizando um contingente de 2026 militares e 425 agentes federais sob o

³ No ano de 2010, Juárez atingiu a taxa de 229 homicídios por cada 100 mil habitantes. Ver: <<http://www.seguridadjusticiaypaz.org.mx/sala-de-prensa/329-ciudad-juarez-por-tercer-ano-consecutivo-la-urbe-mas-violenta-del-planeta>>.

⁴ Para mais detalhes acesse: <<http://www.seguridadjusticiaypaz.org.mx/biblioteca/prensa/send/6-prensa/242-las-50-ciudades-mas-violentas-del-mundo-2017-metodologia>>.

⁵ Para mais detalhes acesse: <<https://mx.usembassy.gov/es/our-relationship-es/temas-bilaterales/iniciativa-merida/>> .

comando do exército para conter as organizações criminosas e gangues que disputavam territórios e rotas de tráfico de drogas (RUIZ; LARA, 2016).

No ano de 2010, Ciudad Juárez foi o maior símbolo da violência provocada pela “guerra às drogas” empreendida por Calderón no México ocupando o primeiro lugar como cidade mais letal do mundo. Mesmo com os índices de assassinatos crescentes durante os anos de 2008 e 2009, no dia 1 de março de 2010, chegaram mais 1800 soldados do exército para patrulharem diferentes pontos do território de Juárez⁶. Todavia, em novembro do mesmo ano, com o aumento do número de assassinatos resultantes da operação governamental, centenas de manifestantes saíram às ruas para pedir a retirada da polícia federal e das forças armadas das ruas da cidade e denunciar os abusos e violações de direitos humanos cometidos por eles⁷.

Em 2011, o prefeito de Juárez, Héctor Murguía, convidou o tenente-coronel aposentado Julian Leyzaola⁸ para ocupar a administração da Secretário de Segurança Pública do município (SSP) devido aos êxitos alcançados em Tijuana, quando dirigiu a secretaria de segurança pública local. Sob a chefia de Leyzaola, Juárez em 2012 reduziu em cerca de 70% os assassinatos, extorsões e sequestros e apresentou queda de 60% do roubo de veículos. Nos primeiros meses de antes da chegada de Leyzaola, foram 1.500 homicídios e de março a dezembro de 2011, sob sua gestão, ocorreram 400 execuções. Com base nesses resultados, o tenente-coronel contava com apoio da sociedade e pediu a retirada das tropas do exército e da polícia federal passando de mais de 2.000 efetivos para algumas centenas. Porém, por baixo da apoteose alcançada por Leyzaola, ocorria a atuação nas sombras de inúmeras empresas privadas contratadas pelos moradores e empresários locais, de 2009 a 2013 o número de seguranças privados era quatro vezes maior que a polícia municipal. Conforme dados da SSP, haviam 1.690 policiais

⁶ Disponível em: <<https://expansion.mx/nacional/2010/03/01/1800-soldados-llegan-a-ciudad-juarez-para-el-relevo-de-tareas>> Acesso em: 17 jun 2018.

⁷ Disponível em: <[https://www.informador.com.mx/mexico/2010/246088/6/piden-salida-del-ejercito-y-federales-dejuarez.htm?utm_source=feedburner&utm_medium=feed&utm_campaign=Feed:+informador-mexico+\(El+Informador+-+Noticias+de+M%C3%A9xico\)](https://www.informador.com.mx/mexico/2010/246088/6/piden-salida-del-ejercito-y-federales-dejuarez.htm?utm_source=feedburner&utm_medium=feed&utm_campaign=Feed:+informador-mexico+(El+Informador+-+Noticias+de+M%C3%A9xico))> Acesso em: 17 jun 2018.

⁸ Leyzaola foi comandante da polícia de Tijuana em 2007 e secretário de segurança pública local em 2008, responsável pela redução de crimes e assassinatos na cidade e acusado de utilização de métodos extra-judiciais para reprimir o tráfico de drogas e sufocar a corrupção policial. Informação disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2010/10/18/in-the-name-of-the-law>>. Acesso em: 18 jun 2018.

ativos na cidade contra 6.733 seguranças particulares registrados e mais outros 2.000 exerciam seu trabalho irregularmente⁹.

Segundo o relatório da empresa Southern Pulse, em Juárez no ano de 2013 existiam 177 empresas de seguranças privadas com que prestam serviços de vigilância de lojas e empresas, patrulha de ruas e guarda pessoal¹⁰. A segurança no México se tornou uma mercadoria muito lucrativa. O crescimento do mercado da segurança está relacionado diretamente com as demandas da sociedade civil e do setor empresarial afetados diretamente pela luta por domínio territorial dos grupos criminosos que além de cometerem assassinatos e roubos também praticavam sequestros, extorsões e cobranças de proteção, assim como pelas ações das forças coercitivas estatais contra o tráfico de drogas e demais crimes.

No mês de abril de 2018, foi publicado o relatório *Regulating Mexico's Private Security Sector*, elaborado pela Comisión Nacional de Seguridad de México e o Robert Strauss Center da Universidade do Texas, o qual apresenta um estudo sobre o crescimento do setor de segurança privada no México e indica que existe hoje cerca de 4.000 empresas de segurança privada¹¹ empregando por volta de 450.000 funcionários, mais ou menos o número do total de agentes policiais do país, mas aproximadamente entre 40% a 75% operam irregularmente. Em Juárez, segundo o relatório, existem 125 empresas de segurança privadas registradas atualmente (COMISIÓN NACIONAL DE SEGURIDAD DE MÉXICO; ROBERT STRAUSS CENTER DA UNIVERSIDADE DO TEXAS, 2018).

De acordo com Müller (2014), a segurança privada no México não esteve no horizonte dos governantes ao longo do século XX, apenas nos anos de 1990, quando o crescimento dos níveis de criminalidade entre os anos de 1994 e 1998, atrelados à neoliberalização da economia, à crise econômica, ao

⁹ Informações disponível em: <<https://www.insightcrime.org/news/analysis/private-juarez-a-border-towns-security-revolution/>>. Acesso em: 18 jun 2018. <https://www.southernpulse.com/e-books/private-juarez>

¹⁰ Disponível em: <<https://www.southernpulse.com/e-books/private-juarez>>. Acesso em: 16 de jun. 2018.

¹¹ Segundo o sítio da internet da Asociación Mexicana de Empresas de Seguridad Privada (AMESP), a principal associação do setor no México, diz que reúne empresas nacionais e internacionais que atuam no setor de segurança privada, no entanto, não apresentam especificações de quais são e quantas empresas internacionais estão presentes no mercado de segurança mexicano.

crescimento do tráfico de drogas, à corrupção policial e aos deslocamentos sociais, fez com muitos atores sociais e empresariais procurassem “meios alternativos de proteção além do Estado, e a abertura econômica relacionada ao NAFTA no México agora permitia que empresas estrangeiras de segurança privada operassem México, oferecendo assim uma solução comercial para esses problemas” (MÜLLER, 2014, p. 44).

Conforme Artega Botello e Fuentes Rionda (2009, pp.172-173), o crescimento da segurança privada no México está conectado com o contexto global de expansão desta indústria. Os autores trazem como exemplo o desenvolvimento da indústria de segurança privada de Israel a nível internacional, devido às suas condições históricas, “este país se desenvolveu, definiu uma resposta à insegurança, reconhecendo, ao mesmo tempo, a possibilidade de se consolidar como paradigma a este respeito, ligando economia, política, milícia, tecnologia, segurança e negócios”. Os autores salientam que empresas israelenses de segurança¹² exportam para o México tecnologias de vigilância e aparatos de segurança, incluindo acessória, treinamento e manutenção.

A participação da sociedade civil nas práticas de segurança local em conjunto com a iniciativa privada foi impulsionada pelo governo federal com criação do programa *Estrategia Todos Somos Juárez (ETSJ)* e com a *Mesa de Seguridad y Justicia de Ciudad Juárez (MSyJCJ)* que conta com a participação voluntária de cidadãos sem vínculos com o governo . A ETSJ se baseou na experiência colombiana para implantar estratégias de controle e redução de crimes no Estado de Chihuahua e a partir desse programa foi criada o

¹² Segundo Artega Botello e Fuentes Rionda (2009, p.173), algumas das principais empresas israelenses que já atuavam nesse mercado no México no ano de 2009 são: “Magal Security Systems LTD, D-Fence Electronic Fencing and Security Systems Ltd., Mer Group, Ness Technologies-TSG (Telecom & Systems Group), Tadiran Electronic Systems Ltd., Verint Systems, DDS-Daniel Data Systems, Cellocator Ltd., Nir-Or Ltd, International security and marketing Ltd. - R.C.I, S. E. Yardeni (Metal Products) Ltd., Servision Ltd., Phone-Or, Dekolink Wireless Ltd., ISC Group. Outras empresas israelenses, embora não apoiadas pelo governo de seu país, apresentaram seus produtos e serviços relacionados à vigilância. Algumas dessas empresas são: KP Electronic Systems, Kramer Eletrônica LTD., Visonic. A tecnologia que essas empresas produzem, e que poderiam ser exportadas para o México, é aplicada em diversas áreas, da mera proteção física aos dispositivos de vigilância eletrônica e sistemas biométricos: proteção física, detecção de intrusão, consultoria, treinamento e serviços, segurança perímetro, C4I (Comando, controle, comunicações, computadores e inteligência), vigilância por vídeo, rastreamento e detecção de movimento, controle de acesso, rastreamento de telecomunicações. Há também um grupo de empresas negociadoras reconhecidas pelo governo israelense, especializadas, entre outros, em produtos de segurança ou em telecomunicações (incluindo equipamentos de vigilância para comunicação), cujos clientes são mexicanos”.

Fideicomiso para la Competitividad y Seguridad Ciudadana (FICOSEC) em 2012 contando com a participação e financiamento de 34.000 empresários a e está distribuída em 6 regiões do Estado agrupadas em zonas, a zona norte tem sua sede em Ciudad Juárez¹³. O FICOSEC Juárez visa criar uma coesão social entre a comunidade juarensense e diminuir “os índices de insegurança por meio de apoio a projetos de fortalecimento de instituições e prevenção social da violência e delinquência”¹⁴.

Dentro de sua estrutura se encontra a *Unidad de Prevención de la Violência (UPV)* tem por objetivo “promover a participação da sociedade civil organizada na atenção de fatores associados à violência para melhorar a segurança no meio ambiente, bem como a percepção de segurança nas comunidades”¹⁵. Um dos projetos do FICOSEC Juárez é elaboração do *Atlas de Bem-estar* para mapear as zonas com maiores taxas de criminalidade, as informações geradas também são cruzadas com dados de pessoas que foram condenadas com pena de prisões para identificar áreas de riscos¹⁶ e atuar na prevenção do crime. A UPV tem um centro de gerenciamento e monitoramento administrado pela sociedade civil onde os dados são produzidos para alimentar o atlas e repassado para polícia municipal fazerem o policiamento¹⁷.

Essas práticas de segurança envolvendo empresários – locais e transnacionais das maquiladoras –, sociedade civil e segurança privadas – nacionais e internacionais – não excluíram a presença militar em Juárez, mas ao contrário, convivem com a presença do exército e da polícia federal. Em dezembro de 2016 a Mesa de Segurança, integrada por organizações e grupos do setor privados e os governos federal, estadual e municipal, aprovaram a

¹³ Disponível em: <<http://ficosec.org/fideicomiso/>> Acesso em: 20 jun. 2018.

¹⁴ Disponível em: <<http://seguridadyjusticia.org/nosotros>>. Acesso em 20 jun. 2018.

¹⁵ Disponível em: <<http://ficosec.org/unidad-de-prevencion-de-la-violencia/>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

¹⁶ Conforme Abrahamsen e Williams (2009, p.5), o “risco não é simplesmente sinônimo de perigo; é um modo particular de pensar e responder aos perigos potenciais. É preventivo, não restaurador. Primordialmente atuária e calculista, trabalha projetando e controlando espaços, através da coleta de estatísticas e da produção de categorias de perigo, e pela vigilância. O risco é, portanto, uma maneira de abordar a segurança que pode ser implantada por atores privados com a mesma eficácia que os públicos”.

¹⁷ Disponível em: <<https://www.am.com.mx/leon/local/sociedad-libera-a-ciudad-juarez-136850.html>> . Acesso em: 20 jun. 2018.

criação das Bases de Operações Mistas (BOM) com o objetivo de patrulhar e combater os grupos criminosos que atuam na cidade fronteiriça¹⁸.

A dinâmica local da (in)segurança em Juárez está conectada diretamente com as dinâmicas da globalização do mercado da segurança privada que está ligada às transformações da governança da segurança global e do capitalismo contemporâneo ensejando novos processos históricos de concatenação entre capital e Estado e entre mercado e soberania. Essa transformação entre poder público e privado e autoridade produzem novas configurações de assemblages que para gerir a segurança da cidade articulam as estruturas de poder, tecnologias de governo e o controle do crime que vão para além da militarização e colocam em cheque as dicotomias público-privado, guerra-polícia, exceção-regra e local-global desmontando e remontando o Estado. Portanto, Juárez é uma peça exemplar que compõe o mosaico complexo das assemblages globais de segurança.

Referências

ABRAHAMSEN, R.; WILLIAMS, M. Security beyond the state: Global security assemblages in international politics. **International Political Sociology**, 3:1, 2009, p. 1-17

ARTEAGA BOTELLO, Nelson y FUENTES RIONDA, Roberto. Nueva lógica de la seguridad en México: vigilancia y control de lo público y lo privado. **Revista Argentina Sociologia**, vol.7, n.13, 2009, pp.164-185

COMISIÓN NACIONAL DE SEGURIDAD DE MÉXICO; ROBERT STRAUSS CENTER DA UNIVERSIDADE DO TEXAS. **Regulating Mexico's Private Security Sector**. Abril, 2018.

DUFFIELD, Mark. **Global Governance and the New Wars**. London: Zed Books, 2001.

GARLAND, David. **A cultura do controle**. Rio de Janeiro: Revan, 2008.

MÜLLER, Markus-Michael. De-monopolizing the bureaucratic field: internationalization strategies and the transnationalization of security governance in Mexico City. **Alternatives: Global, Local, Political**, 39:1, 2014, p.37-54.

¹⁸ Disponível em: <<https://www.excelsior.com.mx/nacional/2016/10/17/1122916>>. Acesso em: 20 jun. 2018

NEOCLEOUS, M. **War Power, Police Power**. Edinburgh University Press 2014.

QUIROGA, M. A. G. **Impacto de la aplicación de la Iniciativa Mérida en la lucha contra el crimen organizado**. 84 f. Dissertação. Maestria en Relaciones y Negociaciones Internacionales. Universidad de San Andrés. Buenos Aires, 2011.

RIGAKOS, George S. **The New Parapolice: Risk Markets and Commodified Social Control**. Toronto: University of Toronto Press, 2002.

RUIZ, L.; LARA, L. Discurso oficial y derechos humanos en el Operativo Conjunto Chihuahua. **Chihuahua Hoy**. 2016. Disponível em: <<http://erevistas.uacj.mx/ojs/index.php/ChihuahuaHoy/article/download/1387/1217>> Acesso em: 18 jun 2018.

SASSEN, S. **Sociologia da Globalização**. Porto Alegre: Artmed, 2010.